

Personalidade e aulas memoráveis

M. Ivette Gomes

Centro de Estatística e Aplicações, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa

Recordar os tempos em que fui aluna na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, agora quando até já deixei de ser professora, dão-me uma nostálgica saudade de uma idade do ouro, em que tudo parecia estar bem, apesar do regime político ditatorial em que vivíamos. Esperávamos muito dos nossos professores, que raramente me desiludiram, e creio que os professores esperavam também muito de nós, pois nesse “então” ia-se para a Faculdade motivado pelo interesse em aprender, nunca era apenas um pseudo-destino a disfarçar desemprego e uma vida sem perspectivas, pelo menos imediatas. Se a memória não me traiçoa, cada professor tinha a sua cadeira, embora para bom funcionamento do curso de um modo geral tivesse uma segunda cadeira, um trabalho extraordinário que era pago, apesar de mal. Creio que as tarefas burocráticas nem se aproximavam dos níveis que actualmente inquinam a vida dos docentes universitários. Nessas condições favoráveis, depois dos seis semestres iniciais que nos conferiam uma sólida formação de base, os cursos levantavam voo, e nos últimos quatro semestres era cada vez mais visível o envolvimento, direi mesmo encantamento, que os professores tinham pelas matérias que ensinavam.

O rigor das cadeiras que tive com os Professores Almeida e Costa, Dias Agudo, Dionísio, Luísa Galvão, entre tantos outros, preparou-me para as aulas do Professor Sebastião e Silva e do seu discípulo directo, Professor Santos Guerreiro, com quem era mais visível a matemática a ser construída. Foi nas cadeiras em que foram meus mestres que me deslumbrei com o espírito da Matemática, porque melhor me apercebi que em Matemática a criatividade e a imaginação convivem com o rigor de teorias completas e elegantes. Não só essas cadeiras, mais avançadas, se prestavam melhor a apresentar essas facetas, como o trabalho preparatório apoiado por todos os meus anteriores professores me tinha preparado para apreciar o papel da hipótese em Matemática, e por isso o papel da intuição guiada que ajuda os matemáticos a desbravar novos horizontes.

Num dos cursos de Análise Superior que tive com o Professor Sebastião e Silva era, naturalmente, abordada a Teoria das Distribuições. A exposição era fascinante, e sem qualquer esforço a abstração da Matemática ficava indelevelmente associada às aplicações. Isso selou o meu destino, porque até então eu tinha sido muito puxada para a Álgebra, e de repente fiquei fascinada com a aplicabilidade da Matemática na compreensão de fenómenos concretos.

O outro curso que tive com o Professor Sebastião e Silva traçava a História do Pensamento Matemático. Era naturalmente uma viagem sem mapas, pois a paixão pela Matemática e a vastíssima cultura do Professor Sebastião e Silva fizeram daquelas aulas um inspirado local de encanto, que constantemente revitalizava o rumo traçado na disciplinada bibliografia aconselhada.

Estas duas experiências de contacto com a Matemática viva, quer na sua construção quer na multiplicidade da sua história, foram das mais vivas fontes de prazer no meu curso. Um pormenor chega para perceber a paixão com que as aulas eram dadas, e fervorosamente recebidas: havia ordens na Secção de Matemática para não marcar outras aulas depois das do Professor Sebastião e Silva, pois sabia-se a que horas começavam, não se sabia a que horas terminavam... E se o assunto merecesse uma exposição mais demorada, o Professor Sebastião e Silva mandava vir um farnel da Pastelaria Cister, para os alunos poderem alimentar-se também fisicamente.

Lembro-me ainda hoje de uma lição que me deu e que costumo frequentemente seguir. Mais importante do que ler um livro de fio a pavio é folhear um livro, destacando apenas os passos essenciais e tentando reconstituir muitos dos passos omitidos. Segundo ele, tinha sido assim que tinha lido o livro de Laurent Schwartz sobre a Teoria das Distribuições, de onde recolheu os teoremas decisivos. E foi talvez a forma como ficou cativado pelo assunto que lhe permitiu avançar com uma axiomática da Teoria das Distribuições, que segundo sei foi a primeira registada como completa na História da Matemática, e que tem sido ponto de partida para desenvolvimentos relevantes dos mais variados investigadores. Não tenho dúvida que Sebastião e Silva foi um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento da minha autonomia mental, do meu sentido crítico e da minha carreira de investigação, tendo sido um dos mais influentes Matemáticos Portugueses do século XX.